



DOI: <http://dx.doi.org/10.17793/rdd.v4i6.589>

## 4. UM MUNDO FELIZ<sup>1</sup> – ENTRE O TOTALITARISMO E A UTOPIA

### 4. A HAPPY WORLD – BETWEEN TOTALITARISM AND UTOPIA

**Renato Selayaram<sup>2</sup>**

**Resumo:** Busca-se traçar um paralelo entre o totalitarismo e a utopia a fim de verificar se existe a possibilidade de existir um mundo realmente perfeito fundado em tais princípios. A história mostra que o homem sempre esteve sujeito a desmandos tendo, em contrapartida, buscado meios para deles sair, não concordando com a servidão.

**Palavras-chave:** História, totalitarismo, utopia.

**Resúmen:** Se trata de hacer un paralelo entre la utopía y el totalitarismo para comprobar si existe la posibilidad de un mundo realmente perfecto, fundado en tales principios. La historia demuestra que el hombre siempre ha sido objeto de atropellos pero, sin embargo, buscó maneras de salir de ellos por no estar de acuerdo con la servidumbre.

**Palabras-clave:** Historia, totalitarismo, utopía.

#### I. Introdução

O livro objeto do presente artigo foi escrito na primeira metade do século passado e poderia ser classificado como ficção científica, embora seja mais do que possível que o autor tenha utilizado esse gênero para antecipar seu prognóstico de uma futura e terrível sociedade. Neste caso, o gênero literário pode ser chamado *distópico*<sup>3</sup> em contrapartida a mundos literários *utópicos* como "Utopia", de Thomas Morus.

A sociedade descrita em Admirável Mundo Novo é um Estado mundial em que a guerra foi eliminada e o primeiro objetivo dos governantes é evitar a todo o custo que os governados provoquem conflitos.

É uma obra cheia de ironia e crítica mordaz a um tipo de economia industrial que havia se tornado moda nos países desenvolvidos, que tinha causado mudanças sociais e culturais, e parece que Huxley não via com bons olhos.

<sup>1</sup> Título em espanhol do livro Admirável mundo novo.

<sup>2</sup> Advogado. Especialista em Ciências Políticas. Mestre em Direito. Pós Graduado pela Academia de Direito Internacional de Haia. Professor de Direito Internacional Público e Direito Internacional Privado. Professor do Curso de Direito do Cesuca - [selayaram@hotmail.com](mailto:selayaram@hotmail.com)

<sup>3</sup> Distopia - uma comunidade ou sociedade que seja de algum modo terrível ou indesejável. O termo foi cunhado por John Stuart Mills em um discurso proferido em 1868, em oposição a *Utopia*, a sociedade perfeita.



A busca do bem estar, da felicidade e do bem viver foi é objetivo comum de todas as sociedades, muito embora tenha variado enormemente sua definição, como medi-la e colocá-la em prática.

Na Roma antiga já era possível verificar a existência de uma política diversionista por parte dos governantes, distrair a atenção dos cidadãos com os espetáculos realizados no Coliseu, os quais objetivavam tirar o foco da atenção dos problemas existentes. Mas mesmo em Roma não havia nada parecido com a distração ininterrupta que proporcionam os meios de comunicação, situação característica do século XX. Em Admirável Mundo Novo são deliberadamente usados, como parte de um plano, distrações ininterruptas de caráter fascinante, a fim de evitar que as pessoas dediquem muita atenção para as realidades da situação social e política.

A tecnologia e a midiatização tornam possível a eliminação do senso crítico, com o acatar de ordens e normas, tornando as pessoas um grupo mais homogeneamente sub-humano, uma massa de manobra mais maleável ainda, de maneira que o indivíduo perca sua identidade pessoal e sua humanidade elementar, até restar, deste modo, totalmente fundido com a multidão. Reunidos em uma multidão, as pessoas perdem o seu poder de raciocínio e sua capacidade de escolha moral. Serve-nos de exemplo a era nazista, na qual Hitler com assistência tecnológica e os meios à sua disposição, mesmo que incipientes comparados à atual, conseguiu que quase 80 milhões de alemães entrassem numa espiral de esquizofrenia coletiva.

Nos anos trinta uma geração de artistas *beat* expôs suas dúvidas acerca dos valores que cimentavam a sociedade capitalista. *Como vamos e aonde chegaremos* eram as questões mais angustiantes para este grupo de jovens escritores. Um deles<sup>4</sup>, Aldous Huxley, no livro “Admirável mundo novo” pareceu dar uma resposta assustadora ao mostrar a visão de um mundo futurista, onde não existiria a profundidade dos sentimentos nem a fermentação das ideias, nem a criatividade artística, onde a individualidade e o desenvolvimento intelectual haviam sido suprimidos.

Admirável Mundo Novo foi escrito no período entre guerras, quando Hitler já era vislumbrado como um líder, em tempos de recessão econômica, e a Grande Depressão havia ocorrido há escassos anos; são momentos difíceis os que levam Huxley a vislumbrar uma evolução regressiva da humanidade, onde o sistema político fosse um só: um Estado único, onde o controle fosse exercido desde a gestação através de manipulação genética

---

<sup>4</sup> Outro a ser lembrado é George Orwell, autor de *1984*.

para uma posterior especialização e o condicionamento psicológico fossem tão fortes que ninguém reclamasse da ordem estabelecida, do status quo vigente.

Nesta sociedade, os (não) humanos são clones que cresceram estandardizados em laboratórios. Se em 1932 perguntas como *alguma vez a manipulação da vida e do conhecimento alcançarão tais níveis?* parecia ficção científica, na atualidade não é algo muito distante da realidade.

Conforme Marcuse<sup>5</sup>, a sociedade unidimensional altera a relação entre o racional e o irracional. Contrastado com os aspectos fantásticos e insanos de sua irracionalidade, o reino do irracional se torna o lar do realmente racional, das ideias que podem promover a arte da vida.

No entanto, a Cortina de Ferro caiu, a sociedade de consumo tem triunfado e todos estamos imersos na corrida capitalista, sem fim ou objetivo. A globalização está presente em cada uma das notícias e a manipulação da informação é um fato cada vez mais palpável.

A meu ver, as utopias não podem ser consideradas como simples expressões do pensamento conservador, de uma visão tradicional da vida e do medo do futuro. Constituem um convite à busca por uma sociedade mais livre e mais justa, mas advertindo sobre as indesejáveis sequelas que serão inevitáveis se nossa atitude for de passividade ante tendências que se insinuem como o caminho mais fácil rumo a uma sociedade sem problemas.

## II. Humanismo versus totalitarismo

A segunda metade do século XIX é um período de notáveis inovações tecnológicas, científicas, sociais e econômicas que levaram a um grande desenvolvimento das indústrias siderúrgica, química, elétrica e de transporte, bem como a utilização de novas formas de energia diferenciadas do clássico carvão. Este processo de desenvolvimento industrial, por sua vez, levou a um novo desenvolvimento do capitalismo, surgindo os grandes cartéis, trustes e holdings.

Se a primeira revolução industrial caracterizou-se por seu caráter predominantemente britânico, sua dependência energética do carvão e da máquina a vapor como um expoente da tecnologia, a segunda é caracterizada pela sua extensão geográfica - se desenvolve, além do Império Britânico, na Alemanha, Itália, França, Holanda e, especialmente, nos

---

<sup>5</sup> MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: sobre a ideologia da sociedade industrial. 5ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 227.



Estados Unidos que emerge na forma de superpotência no início do século XX – materializando-se pelo uso intensivo de petróleo e eletricidade como fonte de energia e pelo motor de combustão como um expoente da tecnologia (início da era Ford).

A crescente complexidade e tamanho das empresas, juntamente com o aprofundamento da divisão do trabalho, criaram problemas agudos de coordenação. Em seguida, apareceu uma necessidade urgente de racionalização das relações homem-homem e homem-máquina na indústria.

Com a mecanização da produção, os engenheiros passaram a ocupar uma posição estratégica na estrutura social da empresa, tal qual os *estrategos*<sup>6</sup> na Antiguidade. E aqueles, elevados a posições de autoridade nas empresas começaram a aplicar os princípios da engenharia para a solução de problemas técnicos - a administração e organização do trabalho na fábrica.

A idéia de produção em massa produziu transformações sociais e culturais que podem ser resumidas na idéia de cultura de massas<sup>7</sup>. Ocorreu uma expansão do consumo que levou a novos estímulos e códigos culturais, a sociedade de consumo como chamamos. Em geral, a classe operária dos países desenvolvidos começou a viver melhor, pelo menos materialmente.

Não é necessária muita perspicácia para concluir que a obra ora discutida é uma ode ao antitotalitarismo. A humanidade vem sendo submetida desde seus primórdios a tentativas de padronização do comportamento. Entretanto, e de tempos em tempos, faz-se necessário que mentes iluminadas saiam em defesa da liberdade, combatendo as trevas que procuram se instalar e dominar.

A ruptura do pensamento teocêntrico medieval ocorreu durante o conflitivo século XIV e está vinculado a pensadores como Guilherme de Ockham e Marsílio de Pádua, considerados os primeiros ideólogos da modernidade, na medida em que impuseram o voluntarismo que tendia a substituir o saber pelo poder<sup>8</sup>. Tal mudança de foco permitiu o surgimento do Renascimento italiano, com o florescer do interesse pelas artes e cultura, mas também do comércio e da busca por novos mundos.

No começo da modernidade surgiram elementos novos que permitiram desequilibrar a tensão entre a monarquia, que pretendia fortalecer seu poder e a nobreza, que lutava para

---

<sup>6</sup> S.m. Estratego (do grego líder de exército) era um título militar na Grécia Antiga para designar um cargo conhecido atualmente como general.

<sup>7</sup> Vide filme *Tempos modernos*, de Charles Chaplin (1936).

<sup>8</sup> HUBENÁK, Florencio. Formación de la cultura occidental. Buenos Aires: Ciudad Argentina editorial de ciência y cultura, 1999, p. 420.

evitá-lo. O caminho rumo ao absolutismo separou a política da ética e estabeleceu a existência de uma *razão de Estado*<sup>9</sup>, simplificada na frase “os fins justificam os meios”.

Jean Bodin ao elaborar a teoria da soberania instituiu o entendimento de que soberano é somente aquele que não está sujeito a ninguém mais, afirmando ainda “não existir nada maior na terra, depois de Deus, que os Príncipes soberanos”. A ideia de poder absoluto está ligada ao entendimento de concentração do poder nas mãos do Estado/governante; o poder soberano só existe quando o povo se despoja do seu poder soberano e o transfere inteiramente ao governante.

A ideia de submissão a um poder superior não foi, entretanto, uma criação do medievo, renascimento ou modernidade. São Paulo, em sua Carta aos Romanos dizia

“Submetam-se todos às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não provenha de Deus e aquelas que existem foram constituídas por Deus. De modo que, quem se opõe à autoridade se rebela contra a ordem divina e os rebeldes atrairão para si a condenação”<sup>10</sup>.

Para Marx e Engels as classes sociais, no modo de produção escravista, feudal e capitalista, limitam-se, sempre, a duas: proprietários de escravos *vs.* escravos, senhores feudais *vs.* servos da gleba, burguesia *vs.* proletariado. Ou seja, os exercentes do poder e os comandados, aqueles contra quem o poder é exercido<sup>11</sup>.

A estrutura do poder implica uma dimensão da estratificação social, onde aquele significa a capacidade de controlar o comportamento dos outros. O poder e o prestígio possuem uma íntima relação. Tome-se como exemplo a situação da Alemanha nazista, onde até mesmo pessoas ditas “apolíticas” aproximaram-se do partido como forma melhorar sua condição na sociedade e frente aos seu pares.

É interessante lembrarmos Thomas Hobbes, um absolutista de primeira ordem e autor de uma das obras mais importantes da filosofia política, *Leviatã*. Inscrevendo-se na teoria do *contratualismo*, explica que os homens pactuam voluntariamente para sair do estado de natureza em que se encontram, onde os indivíduos se encontram em guerra de todos contra todos. Isto leva-nos a entender, conforme o autor, que a submissão, por vezes, ocorre por necessidade do ser humano. O pensamento de Hobbes em relação ao Estado é pautado em

---

<sup>9</sup> Razão de Estado é um termo criado por Maquiavel para se referir a medidas excepcionais que exerce um governante a fim de manter ou melhorar a saúde e a força de um Estado, sob a suposição de que a sobrevivência do Estado é um valor superior a outros direitos individuais ou coletivos.

<sup>10</sup> Carta de Paulo aos Romanos. XIII -1 – 7.

<sup>11</sup> AGUILAR, Sebastián Juan Roberto y TARRAGONA, Gustavo Patricio. Estado, historia y política. 2ª edición ampliada. Paraná, Argentina: Delta Editora, 2005, p. 46.

sua soberania absoluta, sendo seu poder ilimitado. O contrato feito não impõe ao ente superior nenhuma obrigação, senão a de garantir a paz e a tranquilidade daqueles que fizeram o pacto para sua criação. Por esta razão, fica claro que a minoria tem de se submeter ao Leviatã<sup>12</sup>.

O estudo do totalitarismo como um fenômeno histórico e social começou com a ascensão do fascismo na Itália e, um pouco mais tarde, os regimes de Stalin e Hitler foram o seu objeto.

O objetivo de qualquer movimento totalitário é a transformação da realidade social, com a conversão de seres humanos em "um novo tipo de homem". Conforme o pensamento Hobbesiano, a sociedade deriva da criação humana, o que conduziria à arbitrariedade de suas instituições, as quais estariam em função da vontade do soberano. Assim, como um ser artificial que é, não haveria limites para que a vontade humana moldasse o Estado de acordo com a sua imagem, pois da mesma forma que ela o criou, também pode mudá-lo.

É por isso que os regimes totalitários realizam um abuso monstruoso do poder, que lhes é conferido ou que é tomado, mas também geram a esperança de que possam atender às condições necessárias para a transformação moral, estética, física e econômica do homem, servindo para justificar e legitimar a retaliação contra os grupos que, segundo os ideólogos do totalitarismo, dificultam a realização de um futuro radiante.

Como escreve a pesquisadora italiana Simona Forti<sup>13</sup>,

Os regimes totalitários não se limitaram a exercer o seu poder sobre a vida, suprimindo-a. Foi um abuso enorme e sem precedentes de poder que pisoteou os direitos dos indivíduos. O poder político foi capaz de se transformar em um domínio total e sutil ao mesmo tempo, aparecendo em primeiro lugar como garantidor da segurança, da saúde e da prosperidade de todo um povo, e para que este pudesse ser incorporado no ideal de superumano, foi necessário eliminar uma "parte viva" e destrutiva.

Os regimes totalitários querem conquistar a máquina do Estado, bem como a transformação radical da sociedade e de toda a humanidade, por meio de um movimento que deve ser constante, o que implica dominar de maneira permanente todas as esferas da vida de cada indivíduo.

Um dos trabalhos fundamentais dedicados ao totalitarismo é da autoria de Hanna Arendt, que deu início à análise hermenêutica do fenômeno. A autora norte-americana, de

<sup>12</sup> LOPES, Jecson Girão. Thomas Hobbes: a necessidade da criação do Estado. *Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia – Brasil*, v.6, n.2, dezembro/2012, p. 174.

<sup>13</sup> FORTI, Simona. *El totalitarismo: la trayectoria de una idea limite*. Barcelona: Herder, 2008, p. 16.



origem alemã, começou suas investigações (marcada, segundo suas próprias palavras, por um espírito de otimismo indomável) no outono de 1945 e terminou no final de 1949.

Como assinala Arendt<sup>14</sup>

*A conquista do poder por meio da violência nunca é um fim em si mesmo, mas apenas um meio para um fim, e a conquista do poder em um determinado país é apenas uma fase transitória, mas nunca o fim do movimento. O objetivo prático do movimento é organizar o maior número de pessoas possível dentro de um marco e colocá-los e mantê-los em execução; um objetivo político que constitua o fim do movimento não existe.*

### III. O pensamento único e o pluralismo

O controle pode ocorrer pela repressão ou fazendo-nos acreditar que vivemos em um mundo livre. Senão vejamos.

Apesar da estrutura rígida existente no livro de Huxley, não há ressentimento das castas mais baixas contra as mais elevadas, pois o indivíduo é condicionado para ser feliz a sua própria maneira ao ser instruído repetidamente com a ideia de que todos são igualmente importantes na sociedade, independentemente de sexo ou raça.

Para grande número de pensadores, Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley é a obra que apresenta de maneira mais dramática e persuasiva a pobreza espiritual de uma sociedade para a qual o mecanicismo se converteu em um grande relato unificador de vidas, regras e instituições sociais. Um mundo social e político em que a pobreza e a guerra houvessem desaparecido completamente não seria um mundo sem problemas, eis que formas mais sutis de exclusão e violência inevitavelmente emergiriam da mediação tecnológica das relações humanas.

A sociedade igualitária apregoada por Marx e Engels<sup>15</sup>, pretendida por Lenin e não alcançada na antiga União Soviética mostra-nos que os indivíduos que viveram sob aquela forma de opressão criaram uma divisão de classes entre eles, a elite dominante e o povo dominado, resultando daí a luta pelo poder, a morte pela fome e inúmeros outros problemas.

<sup>14</sup> ARENDT, Hanna. As origens do totalitarismo. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 408.

<sup>15</sup> MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista, 2ª edição. Lisboa: Editorial Avante, 1999, p. 43. “A propriedade privada atual, a propriedade burguesa, é a última e mais perfeita expressão do modo de produção e de apropriação baseado nos antagonismos de classe, na exploração de uns pelos outros. Neste sentido, os comunistas podem resumir sua teoria nesta fórmula única: abolição da propriedade privada”.



A sociedade descrita no Admirável Mundo Novo combina, em sua estrutura e finalidade, as características distintivas do capitalismo e do comunismo: Huxley procurou demonstrar a matriz totalitária das principais doutrinas sociais de seu tempo. Por um lado, o acesso ao bem-estar estava garantido, bem como uma relação equilibrada entre trabalho e lazer; por outro lado, as delícias do consumo e do conforto material são fundamentais para os indivíduos do Estado Mundial: cada um deles é um elo na grande cadeia de produção, se não têm uma vida tranquila e prazerosa, trabalharão de maneira deficiente e a máquina social não vai funcionar como deveria. O discurso da "qualidade total" - tão celebrado em nosso tempo no mundo dos negócios e até mesmo na política – levado ao seu apogeu, transforma homens em sofisticadas engrenagens da sociedade de consumo.

Admirável Mundo Novo é uma obra trágica, desesperançada. Nos fala da impotência da criatividade, a paixão e a reflexão humanas para transformar a realidade, uma vez que a eficácia, a estabilidade e controle instrumental sobre os assuntos humanos emergiram como os únicos valores racionais. É uma advertência contra o avanço da ciência e da tecnologia como o único discurso significativo para organizar o conhecimento humano e para a concepção das relações sociais. Chama a atenção para os perigos do pensamento único, quando nos precipitamos para sagrar alguma concepção como a única verdade e acabamos atentando contra a liberdade e o pluralismo com base no exercício do diálogo e da crítica. Mais particularmente, nos previne acerca do progressivo esquecimento e enfraquecimento dos laços gerados pelas diferentes formas de relações humanas em nome das relações instrumentais. Huxley afirma enfaticamente que se a tecnologia e a lógica do custo - benefício se tornarem o eixo central da grande narrativa da vida social, então a humanidade não tem saída: seguirá o caminho da autodestruição, à maneira do desesperançado selvagem da história.

#### **IV. Conclusão**

Admirável mundo novo transcorre na cidade de Londres, em uma sociedade onde “as operárias trabalham para a rainha” e onde a individualidade não significa nada. Nesta sociedade vazia não existe família, paternidade, ciência, nem cultura. Por esta razão não existem motivos de inquietações para as pessoas. Huxley nos descreve um mundo regido por castas sociais, as quais vivem felizes na sua ignorância. Um mundo onde as pessoas são programadas para a realização de tarefas específicas e onde todos se sentem satisfeitos apenas por existirem.





Não por acaso os dois personagens principais possuem nomes que fazem alusão ao líder russo Lenin e ao pai do comunismo Marx.

Huxley consegue em seu livro explorar as inquietudes do público contemporâneo, e porque não dizer do atual, sobre o capitalismo norte-americano e o comunismo soviético. Aproveita e explora a repulsão criada em relação ao comportamento condicionado estilo pavloviano. E mais ainda ao sugerir que o preço da felicidade universal será o sacrifício de conceitos sagrados para nossa cultura, como maternidade, lar, família, liberdade, amor.

Sociedades distópicas como a descrita pela imaginação de Aldous Huxley, em que as pessoas são condicionadas biológica e psicologicamente a viverem em harmonia, são recorrentes na literatura e no cinema<sup>16</sup>.

O que emerge do livro fica longe de se limitar a ser apologia do velho liberalismo em crise no início do século XX, formando um tipo de "alerta social", direcionado para apontar o perigo que pairava sobre a sociedade ocidental sob a ameaça de dois tipos de totalitarismo que efetivamente foram os protagonistas do mundo político e social do século passado, ou seja, aquele expressamente autoritário, baseado no terror, a guerra exterior e o medo esculpido no interior de cada indivíduo (União Soviética); e o outro, escondido sob a máscara do progresso tecnológico e o planejamento de vida levado ao extremo (Estados Unidos). Formas de implementação de mecanismos de controle que parecem defender maneiras opostas de vida, mas que evoluíram como uma estratégia para dominar consciências individuais e dobrar a vontades dos homens a ponto de ameaçar a própria sobrevivência da espécie.

O resultado disso e como complemento vital pra a manutenção dos dois, foi necessariamente a geração de uma tecnologia de controle social. Cada sistema com as suas próprias estratégias, as quais foram direcionadas para a criação de sujeitos acordes com os modelos de produção. A ordem "oriental" com técnicas de doutrinação materializadas com a chamada "lavagem cerebral", o culto ao líder, os desfiles militares e a instrumentalização dos intelectuais. O sistema capitalista encontrou no desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação um ambiente favorável para sua propaganda e gerou um clima de subjugação sutil e perturbador impedindo seus membros reconhecerem qualquer problema na realidade que não fosse o que afeta diretamente o seu bem-estar pessoal, ou seja, aquilo que afetasse fundamentalmente sua capacidade de consumir.

---

<sup>16</sup> Vide o filme *A ilha*, direção de Michael Bay, com Ewan McGregor, Scarlett Johansson e Djimon Hounsou.



Por fim, este artigo não pretende ser mais que uma breve nota sobre os diferentes exemplos históricos e de ficção científica, de nenhum modo exaustivo, sobre as várias tentativas de imaginar o futuro das sociedades, tanto os perigos advertidos como os paradigmas sonhados. Gostaria de consignar que a narrativa fantástica tem um papel a desempenhar para permitir imaginar e refletir sobre outras formas de organização social, do meu ponto de vista muito necessário.

## V. Bibliografia

1. AGUILAR, Sebastián Juan Roberto y TARRAGONA, Gustavo Patricio. Estado, historia y política. 2ª edición ampliada. Paraná, Argentina: Delta Editora, 2005.
2. ARENDT, Hanna. As origens do totalitarismo. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
3. FORTI, Simona. El totalitarismo: la trayectoria de una idea limite. Barcelona: Herder, 2008.
4. HUBENÁK, Florencio. Formación de la cultura occidental. Buenos Aires: Ciudad Argentina editorial de ciência y cultura, 1999.
5. LOPES, Jecson Girão. Thomas Hobbes: a necessidade da criação do Estado. Revista *de Filosofia*, Amargosa, Bahia – Brasil, v.6, n.2, dezembro/2012.
6. MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: sobre a ideologia da sociedade industrial. 5ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
7. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista, 2ª edição. Lisboa: Editorial Avante, 1999.

***(Artigo submetido em 29/05/2014 e aceito em 15/07/2014)***